

LITERATURA E ARTES EM TRÂNSITO: IMAGINÁRIOS PÓS-HUMANOS E COSMOPOÉTICAS CRÍTICAS

O presente Dossier Temático visa compulsar a vitalidade do paradigma do pós-humanismo crítico que, promovendo um descentramento do humano e uma reavaliação crítica do humanismo, visa dismantlar a primazia do excepcionalismo humano. Através da consideração dos principais vectores epistemológicos propiciados pela reflexão pós-humanista, convocamos contribuições que examinem posicionamentos pós-antropocêntricos numa panóplia de discursos: na literatura, na filosofia, no cinema, no teatro, na banda desenhada e nas artes plásticas. À luz das prementes problemáticas tecnológicas, ecológicas, políticas e sociais, o questionamento pós-humanista visa desafiar o acento normativo do enquadramento especista, dominante no Antropoceno. Um pensamento fundamentalmente baseado em binarismos e fronteiras estanques dá lugar, assim, a um pensamento nómada em que a cesura cede lugar a membranas vibráteis, em que à cristalização se sucede a porosidade, em que a diferença suplanta a essência.

Apelando a contribuições que se socorrem de uma abordagem mais relacional/iterativa/transitiva (em que a conexão sujeito-objeto se perspectiva como emergência de um processo co-constitutivo), as reflexões aqui reunidas exploram tal paradigma relacional (propiciado pelo pós-humanismo crítico) em profícuo diálogo com um conjunto alargado de teóricos pós-humanistas: de Rosi Braidotti a Donna Haraway, de Bruno Latour a Stefan Herbrechter, de Francesca Ferrando a Pramod Nayar, passando ainda por autores como Cary Wolfe, Giorgio Agamben ou Chiara Mengozzi.

No artigo que inaugura o presente número temático, “Os Olhos dos Bichos”, Rafael Gallo aborda a obra poética *O Vivo* (2021), da autora brasileira Adriana Lisboa. No poemário em apreço declina-se – sustenta o autor – o descentramento do ser humano, perspectivado enquanto ente desprovido de soberania em relação a outras formas de vida, na esteira das posições de Pramod Nayar e Rosi Braidotti, embora, no caso de Lisboa, a origem de tal posicionamento remeta para a filosofia do budismo e a defesa dos direitos animais. Os poemas de *O vivo* exibem características do pós-humanismo como a dissolução do “eu” enquanto unidade delimitada, a busca por equidade entre seres humanos e outros animais, o multiperspectivismo, que abarca diferentes formas de vida, a preocupação com o ecossistema e os questionamentos dos sistemas discriminatórios. Em termos metodológicos, Gallo explana um panorama da obra e do pensamento da artista em apreço, empreendendo a análise de alguns poemas paradigmáticos do livro e sua respectiva comparação com outros textos. Como ferramenta complementar, procede-se, igualmente, ao levantamento de depoimentos da artista acerca dos temas abordados, inclusive através de uma entrevista com a poeta pelo autor do artigo.

Em “Alguma coisa viva caminho em círculo dentro da cabeça”: Doença, Delírio e Desterro em *Cefaleia*, de Julio Cortázar”, Hiandro Bastos examina a iminência animal no conto *Cefaleia*, do escritor argentino Julio Cortázar, no compêndio de curtas narrativas intitulado *Bestiário* (1951). Ancorado nas abordagens de Donna Haraway, Gabriel Giorggi, Giorgio Agamben, John Berger, Vinciane Despret, Bastos explora o modo como a infecciosa presença animal arrasta as personagens para o abismo do delírio e do desterro, retirando-lhes o estatuto do humano, outrora concedido pela “máquina antropológica” (na poderosa formulação de Agamben). O autor argumenta que as personagens se encontram inseridas no espaço de disciplinamento materializado pelo criadouro, sendo invadidas por uma desterritorializante contiguidade animal que interroga as tecnologias de poder sobre a vida, reflectindo, ainda, sobre a porosidade da fronteira entre humano e não-humano.

Em “Subjetividades Fluidas, Corpos em Trânsito”, Isabela Bertho desenvolve uma análise profícua da primeira temporada da série televisiva *Severance* (2022), a partir da perspectiva do pós-humanismo crítico. Tendo como elemento central a representação da ruptura das consciências, o artigo estrutura-se em duas secções. Na primeira secção investiga-se as interacções entre os seres humanos e a tecnologia no neoliberalismo, a produção de subjectividades e sujeitos em *devoir* e a representação do biopoder. Na segunda secção, analisa-se a utilização da ruptura durante o parto através de uma perspectiva de género, elencando as relações de poder e construção de identidades. A autora alega que, ao levar ao extremo a interacção entre o ser humano e a tecnologia, *Severance* permite pensar mais profundamente sobre as relações de poder vigentes.

Em “Desarraigo Ontológico e crise ecológica em *Nuestro Mundo Muerto*, de Liliana Colanzi”, Luis Barboza Arias desenvolve uma intrincada reflexão sobre a desorientação ecológica no Antropoceno a partir do conto *Nuestro mundo muerto*, da escritora boliviana Liliana Colanzi. Em contraste com uma visão tecnocrática do futuro, a proposta é a de que o conto em análise sugere que a resiliência ecológica implica assumir a descontinuidade e aceitar a porosidade entre corpos e espécies. O artigo sustenta, com efeito, que ficção e teoria não se constituem enquanto termos opostos, mas aliados na tarefa de conferir nova significação à vitalidade planetária. Face à impossibilidade de controlar completamente o vivo, defende-se, pois, relações regenerativas que permitam coabitar com a alteridade.

O artigo “A crítica ao Antropoceno em *Nausicaä do Vale do Vento* (1984)”, de Gabriel Wirz Leite, diseca o modo complexo como a animação de Hayao Miyazaki articula uma crítica ao modelo de produção capitalista e à destruição ambiental característica da era do Antropoceno. A partir de um enquadramento teórico-conceptual que privilegia os trabalhos de Latour, Crary e Haraway, o texto destaca o papel do ser humano como agente geológico responsável por colapsos ecológicos e questiona os paradigmas tecnocientíficos que sustentam a devastação ambiental. O filme do artista japonês é interpretado como uma fábula ecológica pós-apocalíptica que contrapõe à lógica aniquiladora do progresso a possibilidade de um mundo alicerçado na simbiose, na colectividade e no respeito pela vida não-humana, simbolizados pela protagonista Nausicaä e a sua relação com a floresta tóxica e os insectos gigantes.

De cariz comparatista, o artigo “Obituário ambiental: Perspetivas ecocríticas em Su Tong e José Eduardo Agualusa”, de Flávio Fraga da Silva, propõe-se analisar, sob a óptica da ecocrítica e dos estudos pós-humanistas, um conjunto de obras literárias de Su Tong (escritor chinês) e de José Eduardo Agualusa (escritor angolano). Os *corpora* selecionados compreendem algumas obras da coleção *Rua dos Mognos*, de Su Tong, e *Teoria geral do esquecimento, O vendedor de passados e Estação das chuvas*, de Agualusa. A análise centra-se em três eixos principais: a representação da degradação ambiental em ambos os autores e os seus matizes específicos, o meio ambiente enquanto reflexo da decadência social e humana/humanista e, por fim, e as principais interligações e implicações no âmbito da ecocrítica e dos estudos pós-humanistas (com especial destaque para os seguintes investigadores: Rosi Braidotti, Pramod Nayar e Giorgio Agamben).

O artigo “Metamorfose poética em *Mugido*, da autoria de Rebecka Cortez e Ana Cláudia Gualbert, examina o poema “Mugido”, do livro *Uma mulher só não faz verão* (2022), da autoria da escritora brasileira Daniela Rezende, como um dispositivo crítico que articula a animalização simbólica da mulher por meio da metáfora da vaca. As autoras investiga, como esse processo metafórico – alicerçado na tradição patriarcal, na indústria da carne e na linguagem opressora – opera uma metamorfose poética que questiona as fronteiras entre humano e animal não-humano. Ao associar os corpos femininos à vulnerabilidade e à objectificação animal, o poema em pauta denuncia, assim, violências estruturais e convida a uma reflexão sobre as hierarquias de género e de espécie, instigando a uma reconfiguração subjectiva e crítica do sujeito humano no sistema patriarcal e antropocêntrico.

De seguida, em “O colonialismo mais-que-humano em *Os Substitutos* (2023), de Bernardo Carvalho”, Ana Clara Noronha oferece ao leitor uma sólida inquirição crítica do romance *Os substitutos* (2023), do escritor brasileiro Bernardo Carvalho, salientando facetas da obra sob análise que se articulam com as teorias pós-humanistas e a ecocrítica. Examina-se a utilização do romancista do recurso da intertextualidade como forma de evidenciar a lógica humanista predatória enquanto resultado de um modo específico de subjectivação que perpassa diversos tempos e contextos. O argumento é o de que Carvalho estabelece um paralelo entre os projectos de colonização da Amazônia durante a ditadura militar (1964-1985) e narrativas de ficção científica que retratam a colonização espacial, nomeadamente os filmes *Solaris* (1972), de Andrei Tarkovski e *2001: Uma Odisseia no Espaço* (1968), de Stanley Kubrick. Noronha conclui que o romance sob escrutínio consolida visões do colonialismo a partir de uma perspectiva “mais-que-humana”, pondo em relevo as relações entre seres humanos, não-humanos e o meio ambiente.

Já em “Do Labirinto ao Anjo. Corpo, Identidade e Tecnologia na Obra de Maria Klonaris e Katerina Thomadaki”, Andreia Matos propõe uma análise da obra cinematográfica de Klonaris e Thomadaki, centrando-se nas obras *Double Labyrinth* e *Le Cycle de l'Ange*, enquanto pontos fulcrais de uma prática artística que intersecciona feminismo, tecnologia e pós-humanismo. Uma das premissas nucleares do artigo é a de que, através da subversão de narrativas tradicionais sobre corpo, identidade e representação, as autoras forjam um cinema expandido e senso-

rial que desafia hierarquias simbólicas e técnicas, propondo uma visão fluida, transcultural e política do ser. O estudo revela como estas artistas pioneiras – com o seu conceito de *cinéma corporel* e a figuração do anjo intersexo – inauguraram novas possibilidades estéticas e éticas no cruzamento entre arte feminista e práticas digitais, antecipando debates contemporâneos sobre género, tecnologia e subjectividade.

Em “Alfabetização Ambiental no Ensino básico: Reflexões Ecocríticas a partir de *Corpos Benzidos em Metal Pesado*”, Adriano Carlos Moura brinda-nos uma leitura literária ancorada nos pressupostos da Ecocrítica e do conceito de Antropoceno, sondando o potencial da literatura como instrumento formativo de consciência ambiental. A partir da obra do escritor brasileiro Pedro Augusto Baía, que denuncia os impactos ecológicos e sociais da exploração predatória da Amazônia, o estudo articula teoria crítica, prática pedagógica e análise ficcional, demonstrando como a literatura se revela passível de estimular percepções éticas sobre a interdependência entre a esfera humana e não-humana. Por meio de oficinas com estudantes do ensino médio, o trabalho evidencia a potência transformadora da leitura ecologicamente orientada, sugerindo caminhos interdisciplinares para a educação ambiental no contexto escolar brasileiro.

Exibindo pontos de contacto com os artigos anteriores, o texto “O Mito do Paraíso como Mundo Natural em *Avalovara*, de Osman Lins: Uma Leitura Ecocrítica”, de Fernando Oliveira Santana Júnior, empreende uma leitura ecocrítica do romance *Avalovara* (1973), de Osman Lins, explorando o mito do Paraíso bíblico como representação literária do mundo natural e espaço de reintegração simbólica entre o humano e o não-humano. A partir do entrelaçamento entre natureza e cultura, o estudo sustenta que a obra fornece uma textualização estética do Éden, tanto na sua dimensão original como na sua vertente escatológica, enquanto espaço sagrado e ecologicamente harmonioso. Dialogando com autores como Garrard, Oppermann e Buell, a análise evidencia como Lins eleva a natureza à condição de personagem narrativa, desafiando a lógica antropocêntrica dominante e sugerindo, por meio de imagens como a tapeçaria edénica e a busca da “Cidade”, uma reconfiguração poética e ética da coexistência ecológica. Em suma, também neste artigo a literatura fulgura enquanto ferramenta mediadora de uma consciência ambiental e de um pacto renovado com a Terra.

A encerrar o volume, os leitores encontrarão o artigo “A Desire to be Open: Pós-Humanismo e Contra-Sexualidade em *Titane* (2021) e *Crimes of the Future* (2022)”, da autoria de Carolina Monteiro. Trata-se de uma pioneira investigação sobre os filmes *Titane* (Julia Ducournau, 2021) e *Crimes of the Future* (David Cronenberg, 2022) a partir da confluência entre o paradigma pós-humano e a teoria *queer*, procurando explorar as contra-sexualidades delineadas pela ficção cinematográfica. Questionando os limites da categoria do “humano” e dos seus desdobramentos sobre o corpo e a sexualidade, o estudo inicia-se com uma crítica ao humanismo e à normatividade sexo-política por ele instituída, adoptando o pós-humanismo *queer* como chave contestatória de uma tal organização isomórfica. Investiga-se, de seguida, a sexualidade pós-humana enquanto prática contra-sexual que favorece a emergência de polifonias carnavais,

para, por fim, se abordar os dois filmes a partir de três eixos temáticos: a figura do ciborgue como mediadora da relação entre humanos e máquinas, a intersecção entre sexo e tecnologia e, por fim, a dissociação entre sexo, genitália e reprodução.

Em consonância com os objetivos basilares delineados no presente *Dossier Temático*, os artigos aqui reunidos evidenciam a multiplicidade das formas heteróclitas pelas quais o pensamento pós-humanista se inscreve na criação e na crítica contemporâneas, deslocando o humano da sua posição central e questionando as hierarquias fundadas na distinção entre natureza e cultura, humano e não-humano. Seja pela análise das poéticas da animalidade, da crise ecológica ou da tecno-política dos corpos, os diversos contributos aqui coligidos atestam a vitalidade e a urgência de uma epistemologia relacional e pós-antropocêntrica, profundamente atenta às interdependências entre espécies, corpos e territórios. Neste sentido, o pós-humanismo crítico emerge das reflexões aqui reunidas como frutífera ferramenta, capaz de reconfigurar subjectividades, narrativas e futuros possíveis, apontando para a necessidade de um pensamento comprometido com a coabitação e a justiça multi-espécie. Ao desafiar os paradigmas modernos que sustentam a exploração do outro – seja humano, animal ou ambiental –, o número temático em torno das “Poéticas Pós-Humanistas”, convida, assim, os leitores a equacionar a construção de novas cosmovisões éticas e estéticas, passíveis de inquietar o legado do excepcionalismo humano e de fomentar formas mais inclusivas de estar-no-mundo.

Ricardo Gil SOEIRO (CEComp, Universidade de Lisboa, Portugal)
e Catarina Apolinário de ALMEIDA (Universidade Católica Portuguesa, Portugal)